

O Mapa do Terapeuta e a Diferenciação do Self como Recursos para a Formação em Terapia Familiar

Cynthia Ladvocat¹

Resumo

A autora faz um retrospecto da sua experiência no trabalho de diferenciação do Self ao longo dos últimos trinta anos. Ressalta a abordagem de alguns pioneiros em terapia familiar. E apresenta seu método de trabalho com terapeutas em formação de terapia familiar através do recurso do genograma.

Palavras-chave: *genograma; duograma; diferenciação do Self; formação; família de origem.*

The Therapist's Map and Self's Differentiation as Resource for the Therapy Family Specialization

Abstract

The author looks back on their experience working for differentiation of the Self over the last thirty years. Emphasizes the approach of some pioneers in family therapy. And presents his method of working with therapists training in family therapy through the use of the resource genogram.

Keywords: *genogram; duogram; Self's differentiation; training; origin family.*

¹ Mestrado em Psicologia: Família e Casal – 2001 - PUC-Rio; Formação em Psicoterapia Analítica de Grupo; Membro Docente e Didata da Sociedade Psicanalítica do RJ; Practicum na Accademia di Psicoterapia della Famiglia, Itália; Especialização em Geriatria e Gerontologia pela UFF; Membro da European Family Therapy Association; Presidente da Associação de Terapia de Família do RJ (2002-2006); Membro do Conselho da Associação Brasileira Terra dos Homens; Presidente da Associação Brasileira de Terapia Familiar (2008-2010); Coordenadora do Conselho Deliberativo Científico da ABRATEF (2012-2014).

Introdução

O objetivo desse texto é apresentar a experiência da autora no trabalho sobre a família de origem do terapeuta. E dado a importância desse trabalho desenvolvido também por outros formadores, a ABRATEF incluiu o tema em seu conteúdo programático dos cursos de terapia familiar desde o ano de 2008. Assim, em acordo com o Documento Mínimo Norteador de Formação da ABRATEF, faz parte da formação o mínimo de 100 horas de exercícios e vivências para o desenvolvimento de recursos técnicos com a pessoa do terapeuta.

O trabalho com a família de origem é uma vivência de terapeutas em formação com o objetivo de identificar os padrões familiares de suas famílias de origem que afetam o seu trabalho com as famílias em atendimento. E a autora confirma os resultados benéficos verificados junto aos terapeutas iniciantes. Os formadores da rede brasileira de terapeutas familiares consideram que o trabalho com a família de origem é fundamental para a formação.

Considerações teóricas

Ao longo dos últimos anos desde os estudos de Bowen (1978) sobre a diferenciação do Self, muito pouco tem sido escrito sobre esse tema. É possível que um dos motivos de não existirem muitos artigos sobre o trabalho com o Self do Terapeuta seja por se tratar de um trabalho pessoal dos próprios terapeutas de família. E como transcrever sob anonimato essas experiências? E como apresentar essa prática que não possui uma metodologia científica? E, conseqüentemente, como apresentar didaticamente a vivência criativa do formador nesse trabalho com a família de origem do terapeuta? Nesse sentido, a autora apresenta sua experiência como formadora e coordenadora de muitos grupos de diferenciação do Self.

Bowen (1978) apresentou o texto “Anônimo” em um grande evento sobre a experiência de um profissional sobre sua família de origem para alcançar sua diferenciação. Esse texto revelava sua própria história, mas sem sua identificação. Pouco tempo depois, ele assumiu a autoria do artigo e passou a estimular seus alunos na busca de suas famílias para o entendimento das suas histórias. Ele constatou a diferença na evolução da capacidade dos que buscaram entender suas histórias no trabalho terapêutico com as famílias. Para esse autor, a impregnação da família era tão determinante que o grau de

autonomia individual poderia ser avaliado no decorrer da infância. E desenvolveu uma tabela de acordo com o grau de fusão ou de diferenciação envolvendo as relações triangulares.

Andolfi (1999) desenvolve o trabalho do Self na busca de uma capacidade fundamentada em seus próprios recursos emocionais. Esta capacidade auxilia na descoberta de uma capacidade similar nos pacientes em terapia. O crescimento e o amadurecimento profissional têm íntima relação com a sua posição frente ao material clínico e frente à sua própria visão de mundo. Por isso, é importante exercitar todos os sentidos do terapeuta, as ressonâncias e as cenas temidas que coloquem sua pessoa em risco. Essas cenas estão relacionadas com cenas vividas ou fantasiadas em sua história familiar. Para esse autor, verificam-se três fatores importantes na formação. Aprender a respeito de terapia, através de seminários. Aprender a trabalhar em terapia, através de atendimento e supervisão. E finalmente, tendo como base uma análise pessoal, aprender a ser terapeuta, aprender a usar a sua pessoa como terapeuta através de todo seu aprendizado teórico e técnico, que será filtrado pela sua personalidade.

Elkaim (1988) aborda os impasses do terapeuta no seu trabalho com famílias como obstáculos que enfrenta na sua própria história familiar. Esses sentimentos podem ser transformados em recursos e instrumentos de análise e de intervenção, a partir da ressonância da pessoa do terapeuta. Para identificar esses impasses, o terapeuta deve analisar a intercessão dos mapas, ou seja, o seu mapa familiar e o mapa da família em atendimento, pois é nessa intercessão que se desenrola a técnica. Para o autor, o conceito de ressonância trata de sentimentos inconscientes ou conscientes de estranheza mobilizados frente a situações humanas. E esse trabalho é importante, evidentemente, para que o terapeuta não se identifique ou se projete na história da família para resolver os impasses da sua própria história. Por isso as ressonâncias devem ser identificadas para que possam desbloquear possíveis obstáculos ou pontos cegos. Refletindo sobre si mesmo, para esse autor, é um longo processo e que evolui por meio de novas experiências onde o terapeuta está sempre atento aos cruzamentos dos mapas, o seu e o da família em terapia.

Para Ausloos (2011) o terapeuta traz seus casos para supervisão com questões que o coloca em desconforto. Isso porque é possível observar que algumas intervenções têm mais a ver com os valores do terapeuta do que com os valores da família. A terapia familiar é um processo de responsabilidade mútua, e nesse sentido, o terapeuta deve avaliar sua posição, antes de avaliar

a família. Muitas vezes o terapeuta está desconfortável e busca uma técnica ou algo sem saber o que procura. Nesse caso ele está implicado e deve se autoavaliar. Para esse autor, a abordagem e a intervenção não estão fora do sistema de atendimento. O trabalho se desenvolve a partir de informações pertinentes vindas da própria família. A técnica deve ser manejada de acordo com sua subjetividade. A relação terapêutica vai depender do estilo pessoal do profissional. A partir do momento em que o terapeuta se tornar competente para identificar suas questões, ele será capaz de identificar as competências das famílias.

Motivações pessoais para o trabalho com o Self

Desde que a autora iniciou seu trabalho como supervisora, pode perceber que algumas questões trazidas pelos pacientes podem resultar numa dificuldade do terapeuta com relação ao manejo técnico. Essa constatação surge desde a sua prática como supervisora e sócia-diretora do GRUPSI: Terapêutica e Estudo da Criança, do Adulto e da Família no Rio de Janeiro. Na década de 80 ministrava estágio para alunos do último ano da graduação de psicologia, no atendimento de crianças e adolescentes em psicoterapia individual. Foi percebido que muitos dos impasses dos estagiários estavam relacionados às questões de ordem pessoal e, na época, como uma maneira de lidar com esse impasse, o tratamento terapêutico passou a ser indicado para a inscrição no programa de estágio.

Nessa mesma época, a autora iniciou o trabalho sobre a sua própria família de origem durante a formação em terapia familiar no CEFAC: Centro de Família e Casal. Um dos professores do curso era Maurizio Andolfi, que estava sempre atento às reações dos alunos frente ao material clínico.

Esse professor trabalhava a partir do modelo trigeracional, que visa à revisão profunda do genograma da família de origem do terapeuta, para desbloquear possíveis impasses.

A formação como psicanalista de grupo também foi uma experiência importante no que diz respeito ao forte impacto de grupo terapêutico sobre a pessoa do terapeuta. A formação de Psicanálise na Sociedade Psicanalítica do RJ foi fundamental no que diz respeito à análise didática e ao estudo dos fenômenos da transferência, contratransferência, identificação projetiva e sobre reações do analista às questões trazidas pelo paciente. As supervisões de casos ressaltavam a importância do vínculo entre paciente e seu analista. Assim,

entre os anos de 1982 e 1991, a autora pode estudar mais sobre o impacto das vicissitudes do material clínico no atendimento psicanalítico grupal e individual.

Na década de 90, durante três semanas intensivas, a autora participou do Practicum na *Accademia di Psicoterapia della Famiglia* em Roma, com vivências, supervisão, discussão e atendimento de famílias italianas. Esse trabalho sobre o Self do Terapeuta, com a análise do genograma pessoal frente ao impacto das histórias familiares na pessoa do terapeuta, foi fundamental para reforçar as experiências até então.

Pouco tempo depois, a autora entrou em contato com a metodologia de Mony Elkaim sobre como trabalhar com as questões da pessoa do terapeuta. E por ocasião da aceitação da autora como membro da *EFTA - European Family Therapy Association* participou do evento “*A Vida e a Mente do Terapeuta*” em Londres. E fez parte da longa e profícua discussão com os coordenadores dos institutos formadores da Europa, sobre o trabalho sobre as famílias de origem dos trainees a partir das suas ressonâncias.

A partir do contato com a formação em terapia familiar como sócio-diretora do Instituto Mosaico, a autora organizou algumas viagens a Roma para a participação no Practicum de Maurizio Andolfi, em Roma. E passou a coordenar o trabalho sobre a “Diferenciação do Self do Terapeuta e o Desenvolvimento de Sua Competência” com alunos da formação, bem como em outros institutos formadores no Rio e em outras cidades.

Objetivo do trabalho de diferenciação do Self

A autora, como psicanalista individual, constata que a história pessoal, a qual envolve a família, é de uma riqueza extraordinária. A família está sempre no tema das histórias relatadas, vividas ou fantasiadas, e trazem angústias, traumas, alegrias e realizações. E a pessoa do psicanalista trabalha com o indivíduo trabalha com questões inconscientes através da transferência, dos sonhos, dos símbolos, dos mecanismos de defesa na análise das relações objetais e amorosas no seio de uma família, biológica ou substituta, real ou imaginária.

Como terapeuta familiar na abordagem da Psicanálise Vincular e Sistêmica, a autora percebe a importância do exercício sobre as reações ao material clínico e sobre as ressonâncias internas do profissional. E verifica, no contato com tantos terapeutas iniciantes, que algumas cenas temidas dizem respeito a sua competência, fato que está conectado as suas vivências familiares. Essas cenas

têm uma íntima relação com crenças, valores, padrões de comportamento de sua história e precisam ser identificadas. O trabalho sobre essas questões é no sentido de entender os pontos que se cruzam, para que não se misturem com a realidade que se apresenta através do material fornecido por uma família.

O objetivo principal do trabalho com o Self do Terapeuta sobre a família de origem e atual é exatamente o desenvolvimento da competência na busca da diferenciação do seu Self. Com essa competência o terapeuta poderá então analisar suas ressonâncias e utilizar seus próprios recursos intelectuais e emocionais no trabalho terapêutico, descobrindo uma competência similar na família em atendimento.

A formação em terapia familiar

A prática de terapeutas e formadoras junto aos seus alunos ressalta a importância deste processo de investigação das histórias familiares. E na análise da história de um aluno, é importante considerar a participação e o efeito circular nos demais membros do grupo. Ou seja, como cada um reage e se sente frente ao genograma familiar de um colega no contexto da formação. Importante ressaltar que a realidade relatada é resultado da observação de um observador sobre alguma coisa, a qual produz reações nos que escutam sobre o fato. E que as questões circulares no grupo revelam que uma pessoa sempre diz algo de alguém para alguém, que uma pessoa faz alguma coisa junto de alguém, o qual reage e interfere no grupo como um todo. Sempre que uma pessoa conta algo, conta a partir de sua experiência como pano de fundo. Portanto, o mundo é sempre autorreferencial. E conseqüentemente, quando um profissional apresenta um caso de uma família, revela sua percepção e visão de mundo.

O terapeuta de família enfrenta, no exercício de sua prática, histórias familiares em diferentes contextos. O terapeuta, mesmo com larga experiência, sofre o impacto de crenças, mitos e projeções sobre sua pessoa. Um mesmo caso produz reações diferentes a diferentes profissionais. Os sentimentos do terapeuta estão conectados à sua história pessoal e ao que acontece com a família em atendimento. A intercessão e o cruzamento dos mapas, mapa do terapeuta e mapa da família devem ser identificados e analisados na formação do terapeuta familiar. Portanto, fatores como o Self do terapeuta, autorreferência, visão de mundo, ressonância e o impacto que o terapeuta sente frente a uma família, são fatores que devem ser entendidos e integrados para que não sejam

obstáculos e sim recursos terapêuticos. Isso porque os impasses são pontos de ressonância a partir da história de sua família de origem.

Na formação em terapia familiar, o terapeuta iniciante passa a reescrever e a redefinir a biografia de sua história. Através da dramatização, uma nova visão é criada, abrindo novos caminhos e um novo olhar sobre as histórias antigas, surgindo novos significados. O grupo ouve histórias e muitas delas se cruzam com as suas próprias histórias.

Observam-se algumas dificuldades do terapeuta iniciante, tais como: estranheza, incômodo, ansiedade, stress e exigência em ter respostas claras ou certas; surpresa quando a família resolve um problema grave sem dificuldade ou quando não resolve uma questão simples; rejeição às crenças e padrões diferentes dos seus; identificação com os problemas da família, cobrança em não ser “engolido” pela família e até irritabilidade com as opiniões dos colegas, etc. O terapeuta percebe, no trabalho de diferenciação do Self, que os recursos não são externos, e sim desenvolvidos em sua própria pessoa. E percebe que poderá, através da análise das suas ressonâncias e do cruzamento dos mapas, sentir-se mais capaz de buscar novas ferramentas terapêuticas.

Para a participação do trabalho de diferenciação do Self, muitos outros recursos podem ser utilizados, como fotos dos membros da família atual e de origem, fotos de eventos significativos da história familiar, jogos e brincadeiras familiares, pratos típicos de cada família, mas principalmente o Genograma e o Duograma.

Segundo McGoldrick (2012), o Genograma é importante para a formação em terapia de família e para a supervisão de casos, pois esclarece a dinâmica e padrões familiares da família atual e de origem do terapeuta. O genograma é uma ferramenta no trabalho clínico, na medida em que levanta os impasses técnicos e pessoais e propicia a avaliação das crenças e mitos pertinentes ao tema.

Segundo Arcelloni (2008), o Duograma é uma narrativa e representação gráfica das histórias de casal de uma pessoa. Assim como o genograma descreve, ao contrário as relações parentais, o duograma conta as histórias de casal através dos tempos, desde a infância até os dias atuais. O duograma levanta hipóteses relacionais, propõe um novo entendimento sobre as diversas relações afetivas, desafia os mitos do casal, sublinha as diferenças entre as várias fases do ciclo vital, explicita as premissas sobre relacionamentos amorosos. E também tem como objetivo criar conexões novas, facilitar novos pontos de vista,

descobrir os próprios pontos fortes, experimentar o prazer de escutar e levantar perguntas sobre as relações.

O objetivo do trabalho do genograma e do duograma é de descobrir novos modos de olhar para a história, de conectar a sua história a outras histórias e aos casos em atendimento. O terapeuta pode observar os preconceitos e estereótipos sobre os relacionamentos familiares e sobre as escolhas amorosas. E, com certeza, pode ocorrer uma análise da história com foco em questões diversas, como por exemplo, sobre sexualidade, poder, profissão, quadros patológicos, educação de filhos, casamentos e divórcios, padrões de comportamento, segredos, mitos e muitos outros temas relevantes

A autora pretende demonstrar nesse texto do que se trata esse processo vivencial. E ressalta que é sempre difícil descrever situações humanas nas suas vivências familiares. O único exemplo relatado não foi de fato vivido, é apenas uma situação hipotética para fins desta publicação. Assim como a metodologia descrita a seguir é uma das muitas maneiras a ser aplicada, o que dependerá sempre do estilo e subjetividade do coordenador, e também da dinâmica da situação apresentada.

O processo junto aos terapeutas em formação

A experiência de tantos anos da autora com o trabalho de diferenciação do Self resulta em um intenso material impossível de ser transcrito. Os terapeutas escrevem em um “livro de ouro” sobre o que vivenciaram, mas que por questões de privacidade não podem ser relatadas, nem mesmo sob anonimato. No geral, esses depoimentos versam sobre as emoções frente aos novos significados dados aos eventos passados, agora conectados e redefinidos a situação pessoal ou profissional.

A metodologia relatada pela autora é baseada a partir do aprendizado e do contato pessoal com seus mestres na área da terapia familiar: Maurizio Andolfi, Mony Elkaim, Guy Ausloos e mais recentemente Vanna Puviani. E de uma prática desenvolvida junto a tantos grupos de alunos e também de colegas e amigos que confiaram nesse trabalho.

Preferencialmente o trabalho é realizado em um ambiente de privacidade, para que cada participante possa apresentar sua família de origem. No início, é informado que os profissionais abordarão questões da sua intimidade e privacidade, portanto é exigido o respeito e o sigilo sobre o processo. Esse

espaço deve ser de integração, continência e de respeito por todas as questões apresentadas e pelas emoções surgidas no grupo. Os participantes são informados também que todas as histórias relatadas são sempre autorreferências e que, portanto, todos os fenômenos estão sempre conectados com as vivências pessoais de quem relata tal fato, assim como ao grupo como um todo.

A vivência tem como referência teórica as premissas de Bowen sobre a diferenciação, de Andolfi sobre a análise trigeracional, de Elkaim sobre as ressonâncias, e por fim, de Ausloss sobre o conformo e a competência do terapeuta. Os recursos utilizados no trabalho da diferenciação do Self são extremamente importantes no processo, a saber, o Genograma, o Ecomapa e o Duograma. O Genograma (McGoldrick, 2012), é um desenho da estrutura e das relações ao longo das gerações. Fotografa o núcleo familiar e analisa pontos encobertos, conscientes ou inconscientes, fantasmas, segredos e fantasias da família. O Ecomapa, (Santi, 1984), é um desenho que avalia o contexto, as intervenções e os relacionamentos de interdependência recíproca entre o sistema familiar e o ambiente ecológico. É importante como uma fotografia que revela como a família se relaciona com diferentes sistemas. E o Duograma, (Arcelloni, 2008,) é uma representação gráfica que propicia a narrativa e as hipóteses sobre as relações de casal. Fotografa as diferenças entre as fases da vida da pessoa nos seus diferentes relacionamentos amorosos, vividos ou fantasiados desde a infância. Como o processo sobre a diferenciação do self do terapeuta não é um trabalho teórico, essas informações sobre sua fundamentação são suficientes para o grupo de participantes.

O trabalho sobre a diferenciação do Self tem o objetivo de analisar a família de origem do terapeuta em contexto de formação. Para iniciar o processo, a coordenadora solicita que o profissional relate sobre o que gostaria de falar, sobre uma dificuldade ou uma incapacidade, que possa estar interferindo na sua competência como terapeuta. Para desenvolver a sua criatividade necessária para esta tarefa o coordenador deve estar disponível e com uma escuta empática.

O exemplo fictício a seguir pode ser útil no entendimento do processo. Um membro do grupo de participantes coloca que prefere não atender casais que vivem em contexto de violência familiar. E apresenta um caso clínico de um casal que se agredia muito em que o terapeuta sentiu muita dificuldade no manejo da situação. E que essa temática da violência afeta sua atuação e que, por isso, evita atender casais com alguma questão de agressividade. O terapeuta coloca que a questão da agressividade o incomoda apenas por ser difícil lidar

com um casal que se comunica com muita raiva. O passo a seguir refere-se ao entendimento de como a agressividade afeta sua competência como terapeuta. Para isso é necessário a análise do genograma trigeracional, do ecomapa e do duograma com a história das escolhas amorosas. E em relação ao grupo, deve ser avaliado como o tema “violência intrafamiliar” afeta de maneira diferente o grupo. Alguns podem sentir a mesma dificuldade, outros não se sentem afetados e nem em dificuldade. Passa a ser discutido no grupo sobre como a agressividade na família provoca uma reação diferente em cada terapeuta. Depois dessa discussão, o tema deve voltar a ser trabalhado com o terapeuta de campo que trouxe a questão.

O desenho do genograma busca o tema “agressividade” na hipotética família no contexto de violência. E a seguir o coordenador busca no genograma do terapeuta a temática da violência, da agressividade e demais variações. Importante analisar as ressonâncias e suas implicações na vida profissional do terapeuta. O coordenador trabalha com as situações autorreferenciais na vida pessoal ou profissional. O terapeuta entra em contato com uma história muito mal contada na sua família de origem, que diz respeito ao relacionamento complicado dos avôs maternos, afetando a saúde de sua mãe, que por fim, reagia passivamente ao marido autoritário, pai do terapeuta. Portanto a violência no casal em atendimento afetava o terapeuta, no quanto ele se sentia impotente para lidar com o comportamento agressivo com todas as suas repercussões, sem que ele entendesse claramente a razão.

A dramatização é um recurso utilizado nessa vivência, onde o profissional que traz uma dificuldade ocupa o lugar do terapeuta para o atendimento desta família. Todas as questões são trabalhadas no sentido de diferenciar o que faz parte da história de vida do terapeuta e o que faz parte da história do caso clínico. A partir do cruzamento entre os mapas da família de origem do terapeuta e da família atendida, as ressonâncias e as possibilidades são levantadas. É importante que a história antiga da trama familiar com seu enredo real ou fantasiado possa ser elaborada. O terapeuta em questão relata seus sentimentos frente à análise da sua história, agora conectada à história da família atendida ou dramatizada. Nesse processo de diferenciação, o terapeuta, poderá desenvolver novos recursos.

O coordenador deve estar à frente das tarefas e saber em que momento deve acolher os comentários do grupo, pois cada interferência pode ser entendida como sua reação ao material apresentado. A discussão como um todo propicia

que novas versões e soluções possam ser levantadas. Os membros do grupo atuam como egos auxiliares, e também se deparam com suas ressonâncias frente ao material. O grupo de terapeutas nesse contexto de intimidade se confronta com os relatos das histórias familiares que trazem a tona e aquecem lembranças passadas.

Conclusão

Os temas tratados no trabalho de diferenciação do Self na formação em terapia familiar demandam um manejo cuidadoso. Os recursos utilizados e a condução do processo dependem muito das situações que se apresentam decorrentes do vasto mundo interno e relacional de cada indivíduo. As ressonâncias e emoções autorreferenciais são conectadas aos casos de família, para que, só depois, possam ser diferenciadas. A autora espera ter conseguido transcrever, mesmo que superficialmente, esse trabalho que só se concretiza pela confiança entre os membros do grupo, o que inclui a pessoa que conduz a vivência. A autora busca sempre mais referências sobre esse trabalho desenvolvido junto aos demais profissionais comprometidos com a formação em terapia familiar.

Referências

- Andolfi, M. & Haber, R. (1999). *Por favor me ajude com esta família*. Porto Alegre: Artmed.
- Arcelloni, T. & Ferrero, G. (2008). Il duograma nella formazione sistêmica, i terapeuti e le loro relazioni di coppia. *Rivista Terapia Familiare*, 87, 5-27, Roma, Itália.
- Ausloos, G. (2011). *A competência da família*. Rio de Janeiro: Terra dos Homens.
- Bowen, M. (1978). Toward the differentiation of self in one's family of origin. In M. Bowen, *Family Therapy in Clinical Practice* (pp. 467-528). New York: Jason Aronson.
- Elkaim, M. (1988). *Formações e práticas em terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Goldrick, M., Gerson, R. & Petry, S. (2012). *Genogramas – Avaliação e intervenção familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Santi, G. (1984). Adozione e sistema familiares: Strumenti e tchinche de valudazione. In G. Santi, *collana di psicologia giuridica e criminale*, (pp. 136-

151). Varese: Guiffrè Editore.

Endereço para correspondência

cyladvocat@globo.com

Enviado em 10/04/2014

Aceito em 28/04/2014